

APPLICANDO O PROVERBIO



— *E's uma tôla! Uma leviana! Deixaste que o Dias se fôsse, sem tirar o menor proveito!*

— *Deixa estar, José! Outros virão. E não ha nada melhor do que uns Dias depois dos outros!*

Des. de LUP

LIVROS NOVOS

Sobre sciencias, artes, pedagogia, litteratura, arte militar,
etc., nacionaes e estrangeiros,
de todos os autores e em todos idiomas.

Enormes e selectas collecções de livros para escolas,
de todos os gráus, premios, presentes, etc.

Vasta e escolhida bibliotheca de livros para creanças
e para moças solteiras.

Recebimento diário de novidades de toda a parte, em
trabalhos de todas as especialidades, sobretudo
Medicina, Engenharia, Direito, Electricidade, etc.

Secções completas de figurinos, magazines
jornaes, revistas,
cartões postaes, objectos de escriptorio, etc.

GRANDE LIVRARIA EDITORA "LEITE RIBEIRO"

Uma das mais importantes do mundo, em numero de edições e em stock.
Editora das afamadas chronicas humoristicas do Conselheiro X. X.

RUAS BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19

— E —

13 DE MAIO, 74 e 76

Teleph. Central 250

End. teleg. ETIEL

Pedidos directamente á Caixa Postal 899

— — — RIO DE JANEIRO — — —

FOX

E' a unica marca que mantém sempre um programma escolhido, e a unica marca cujo elenco artistico não desmereceu nada, em absoluto, filmando unicamente para a FOX os melhores astros da cinematographia, como sejam: William Farnum, Pearl White, Tom Mix, Dustin Farnum, William Russell, Shirley Masson, Buck Jones, Eileen Percy, John Gilbert, Clyde Cook, etc., sendo suas comicas Sunshine reconhecidas como as melhores do mundo. Tenha V. S. presente que a FOX foi, e será sempre a marca que encherá seu salão cada vez que exhiba uma das suas fitas.



ROUPAS BRANCAS para homem, desde a pyjama á finissima camisa, é a grande especialidade d' O Pavilhão, Ouvidor 108.

COM ESTE CALOR — Só mesmo um terno de brim ou de Palm-beach; conseguil-o bom e bem feito? Na alfaiataria d' O Pavilhão, Ouvidor 108.

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Quarta-feira, 22 de Março, Ás 2 1/2 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

18.^a — 2.^a

NOVO E IMPORTANTE PLANO

SÓ JOGAM 12.000 BILHETES

50:000\$0000

POR 16\$000, EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da Companhia á Rua 1.^o de Março, 88.

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado

Extracções ás terças e sextas-feiras

Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}

S. PAULO

Vende-se em toda a parte

MINHA SENHORA — Como vão as creanças, bem?

Queira examinar a variedade e o preço das roupinhas expostas nas vitrines d'O Pavilhão, Ouvidor 108.



UMA QUESTÃO DE GOSTO

sobre a roupa do homem pode ser resolvida na alfaiataria d'O Pavilhão, Ouvidor 108.

BANCO DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1917

26, RUA DA ALFANDEGA, 26

CAPITAL 5.000:000\$000

(SOB A FISCALIZAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL)

Faz empréstimos em conta corrente, em caução de títulos, sob garantia de warrants, descontos commerciaes e particulares.

Acceita cobrança em todas as praças do Brasil, mediante as taxas mais modicas possiveis, recebe dinheiro em depositos, mediante as seguintes taxas:

- 3 % em conta corrente á ordem
- 5 % em conta limitada
- 6 % em conta de aviso previo
- 7 % em conta de prazo fixo

Administra propriedades, recebe bens em custodia, encarrega-se do recebimento de juros de apolices ou outro qualquer titulo.

PEÇAM INFORMAÇÕES

26, RUA DA ALFANDEGA, 26



O velho capitalista não era um individuo sem dignidade: era, apenas, um philosopho, um homem que comprehendia a vida a seu modo, e que lançava uma ponte de ouro toda a vez que encontrava um pantano no seu caminho.

Herdeiro da primeira esposa, que escolhera idosa, e que lhe augmentára grandemente a fortuna, resolvêra elle recuperar o tempo consumido com ella indo buscar para segundas nupcias, nas camadas elegantes da sociedade, uma companheira mais moça do que elle nada menos de trinta e dois annos. E o casamento fez-se no Rio mesmo, com enorme barulho dos jornaes e dos amigos, para que o ruido da amizade abafasse, generoso, os comentarios do despeito.

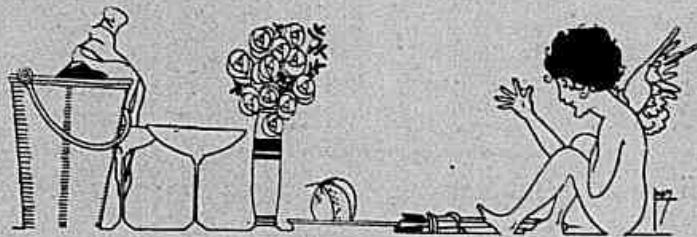
Adelina, a jovem esposa do capitalista, era o typo official da «melindros». Pequeninha, magrinha, esguia, guardava nos olhos languilos um canção, uma fadiga, uma tristeza, verdadeiramente acabrunhadores. Não fôsem o estabamento dos seus modos e o movimento nervoso do seu andar, e dir-se-ia uma eterna convalescente, necessitada, sempre, dos cuidados medicos. Repousada, parecia, a quem a visse, uma collegial. Andando, era o demonio em movimento, era o python humanizado, era a serpente de saias a procurar, inquieta, as derradeiras maçãs do Paraíso.

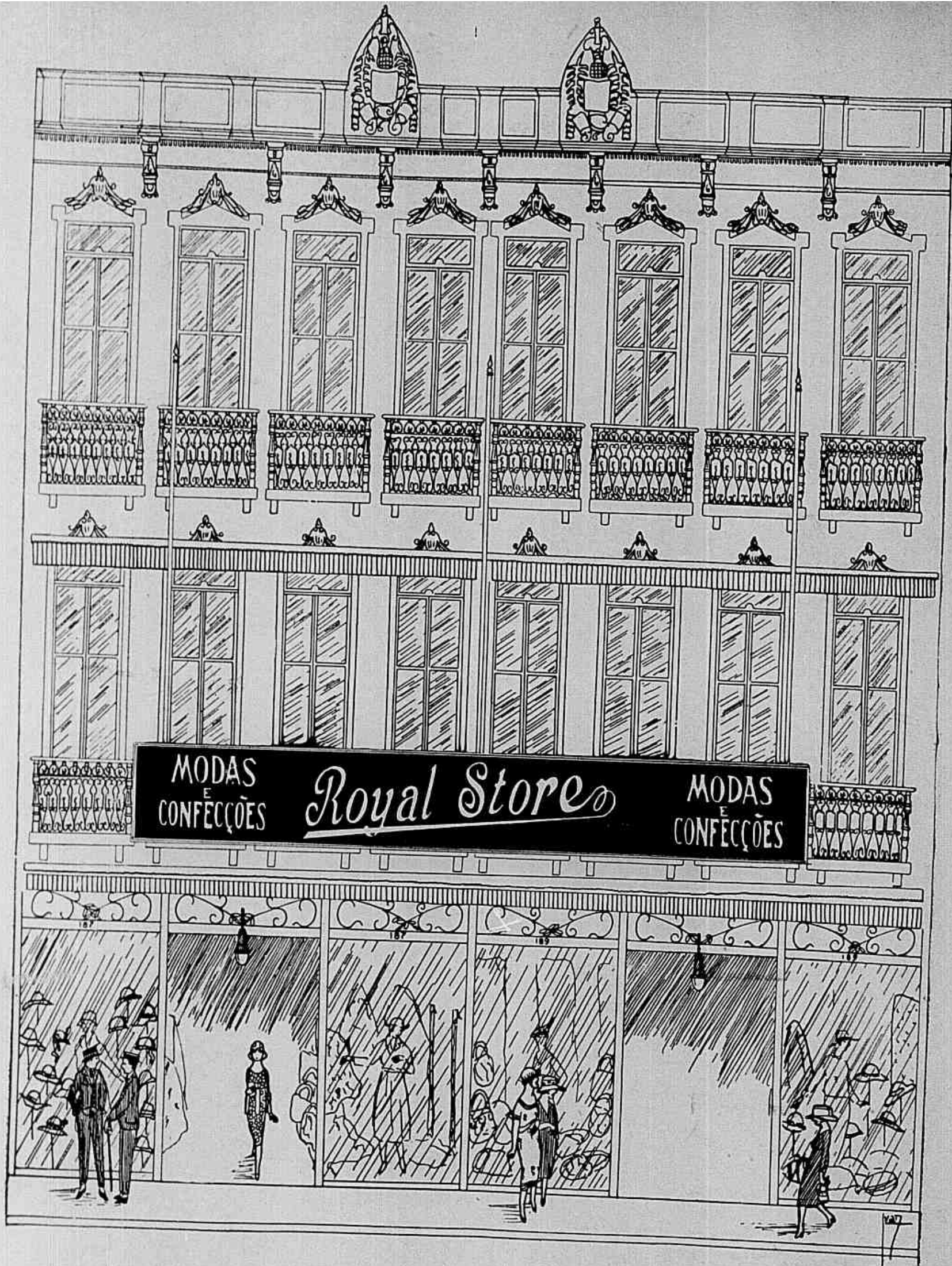
Confiante e bondoso, o marido concedia-lhe absoluta liberdade de transito: mme. Augusto Ventura ia onde bem lhe parecia, frequentando, sosinha, os chás, os cinemas, os clubs sportivos, onde jogava o tennnis tardes inteiras com raquettes de emprestimo e bolas que não eram, absolutamente, do marido. E foi depois de um anno de casado que uma carta anonyma levou ao conhecimento do desgraçado o que se dizia pela cidade, onde o seu nome andava pelas sargetas de mistura com todas as immundicies urbanas.

Para o ancião, o golpe fôra tão grande como aquelle que tivera, annos antes, ao perder mil e oitocentos contos em uma desastrada transacção de café. E foi com o mesmo

espírito de homem de commercio que elle encarou a situação, disposto a resolvel-a promptamente sem melindre da sua dignidade.

Outro marido que não Augusto Ventura teria, com certeza, pensado em uma viagem. O mar, a vista de outra gente, o contacto de outros povos, o espectáculo de novas paisagens, tudo isso contribuiria para tranquilizar o seu coração, tirando-lhe a mancha de lodo que elle, modesto, attribuia á sua propria leviandade. Negocios urgentes reclamavam, porém, a sua permanencia no Rio, e, como o essencial era afastar a Adelina do seu amante, o melhor seria

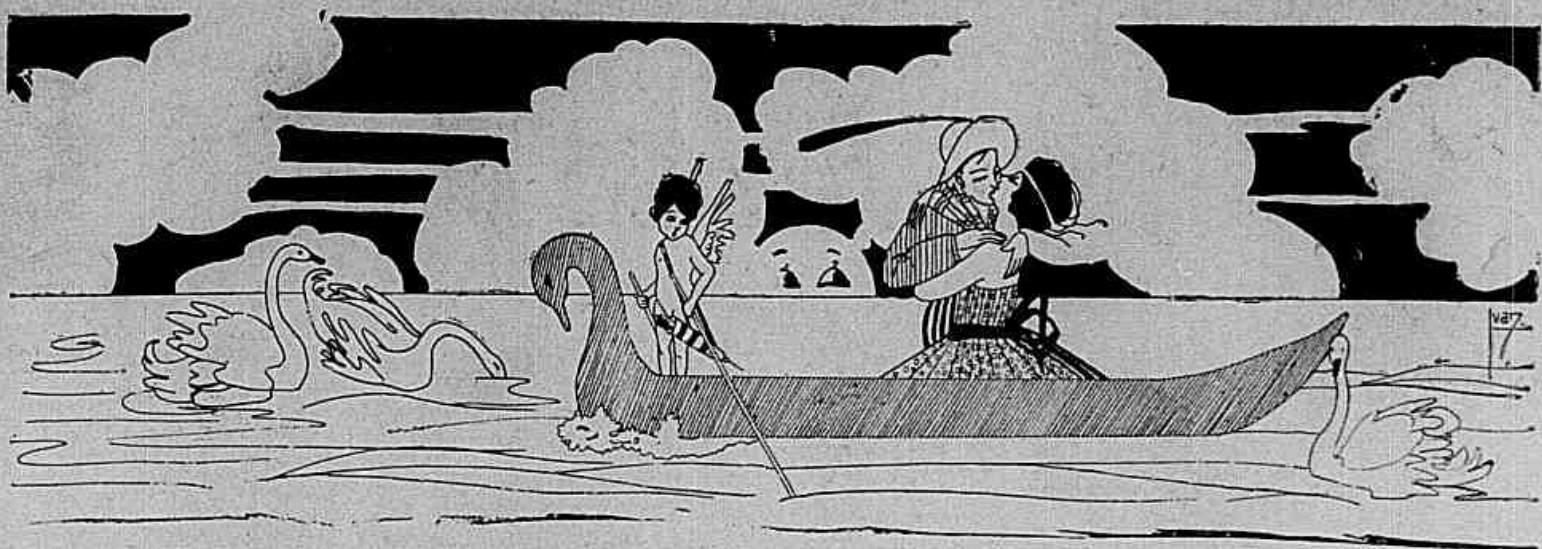




187, RUA DO OUVIDOR, 189

Telephone Norte 6717

Rio de Janeiro



OS CONTOS DO ALMIRANTE

O VIUVO

Não houve quem se não commovesse, naquelle momento doloroso, ante o espectáculo do pobre marido inconsolavel, ao ver sahir, carregado por seis amigos da familia, os despojos da sua companheira de tantos annos de vida. E maior soffrimento havia de ser, nos dias subsequentes, o das pessoas da casa, ao vel-o passear, a noite toda, de um lado para outro da alcova, o rosto macilento, as mãos crispadas, arracando os cabellos e abalando o dormitorio, o predio inteiro, com o seu choro convulso, profundo, sem remedio.



O dr. Sylvio Fagundes fôra, effectivamente, um esposo modelar. Casado por paixão com uma senhora quasi da sua idade, amava-a, pode-se dizer, como um filho. Pandegas, festas, namôros, nunca os teve, depois que se casara. A esposa era, para elle, o universo. Funcionario publico, sahia de casa para a repartição e da repartição para casa. Se alguma vez, em quatorze annos de vida em commum, ouvira dar meia-noite em outro relógio que não o da sua cópa, D. Palmyra ouviu com elle, forçosamente, as mesmas badaladas, por que nunca na sua existencia de marido, elle dormira, sem ella, fôra de casa. E era essa felicidade que o conhecido buroctata chorava agora desolada-

mente, depois que o seu lar fôra privado da figura bondosa, doce, maternal, da sua inescutível consorte.

A primeira noite do viuvo, depois que o enterro sahira para o cemiterio, fôra de cortar o coração. Faces lavadas de pranto, barba crescida, cabellos revôltos, o infeliz não repousara um instante. E foi com o rosto nas mãos, com a cama intacta, que a irmã o encontrou na manhã seguinte, a soluçar convulsivamente, de pé, encostado á janella que dava para o quintal. E o mesmo succedeu na segunda, na terceira, na quarta noite, quando o caso começou a preoccupar seriamente a familia.

— Deita-te, Sylvio! Não chores. Consola-te. Conformate com a vontade de Deus. Elle quiz... Que se ha de fazer? — dizia-lhe a irmã, penalizada, passando-lhe a mão pelos cabellos desgrehados.

Tudo, porém, era inutil: quando se o suppunha adormecido, pulava elle do leito, phisionomia descomposta, olhos pizados, sem poder, de nenhum modo, conciliar o somno. E foi quando, para evitar um segundo desfecho luctuoso, a familia resolveu chamar, para examinar o novo enfermo, o illustre professor Austregésilo.

A visita medica do notavel homem de sciencia foi demorada e precisa. Attento, o conhecido clinico brasileiro syndicou de tudo, besbilhotou tudo, quiz saber de tudo. Perguntou o





A ponte da Ilha das Cobras



Aquella reunião das quintas-feiras na residência dos Barbosa Dourado constitue uma especie de sabbatina da maledicencia. A impressão de quem comparece alli pela primeira vez, e que não é permittido a ninguem falar amavelmente do proximo. E nem era possivel esperar outra cousa de uma familia de solteironas, em que a mais moça tem vinte e oito annos, e aguarda, ainda, entre o toucador e a janella, o apparecimento de um principe encantado que ficou vagabundando na selva.

Naquella tarde, a roda não era grande. Servido na sala, para onde o creado rolara a

mezinha de rodizio carregada de doces e chicaras, o chá foi offerecido aos dez ou doze commensaes, pela propria mão de D. Carmellita, esposa de Barbosa Dourado e cunhada, quasi irmã, das quatro solteironas da familia. E a cada um, a morena senhora entregava a chavena, nas pontas dos dedos:

— Dr. Felisberto, faz favor!

— Madame Fernandes, um docesinho; sim?

— Lelé, não faça cerimonia!

Mesmo com a bocca entupida de doces, a elegante sociedade não se calava. E foi entupido, tapando a bocca com o guardanapo afim do brioche não sahir, que o deputado Vieira da Costa recordou, de subito:

— E o caso do commandante Roffenahäu; heim? E' certo, mesmo, que elle se vae casar com a Laudicéa, filha do Murta?

mandar para fóra o rapaz, ficando a mulher na cidade. Essa solução, além de commoda, tinha a conveniencia de afastar suspeitas e commentarios, que surgem, sempre, quando o marido de uma senhora elegante sae com ella, de repente, a correr mundo...

Tomada essa deliberação, molhou o capitalista a penna de ouro no tinteiro de prata, e, concertando o estylo do melhor modo, mandou para os jornaes a seguinte nota:

«AVISO

Um marido enganado, homem de brio, previne ao seductor da sua espo-

— Pelo menos, é o que se diz...—opinou uma senhora, da esquerda.

— Que asneira! — commentou um.

— Que doidice! — aparteou outro.

Pessôas retardadas no conhecimento das particularidades pediram esclarecimentos. A Laudicéa era uma dessas moças levianas que levam a vida a escolher noivo, e que, afinal, não escolhem nenhum. Residindo nas proximidades do Arsenal, em um segundo andar occupado pela familia, tinha ella a vantagem de ser alcançada, todos os dias, pelo binoculo dos officiaes de Marinha, que se iam revezando e substituindo, sem

ficar no coração de nenhum. E como fosse, de todos o mais sentimental, ou o mais ingenuo, foi o capitão-tenente Roffenahäu o primeiro a ser detido no laço.

— Mas é possível, mesmo, que elle se tenha deixado apanhar? — aparteou o tenente Beja, espantado.

E pondo-se de pé:

— Terá elle coragem de casar com a «ponte da ilha das Cobras»?

— Ponte da ilha das Cobras? — estranhou uma senhora, parenta das damas da casa.

— Sim, senhora, — confirmou o official.

E como lhe pedissem explicações:

— Aquella moça é, para nós, a ponte da ilha das Cobras.

— ?

— Não ha official de Marinha que não tenha passado por lá!

sa que pode ir á Agencia do Lloyd Hollandez receber a sua passagem para a Europa, no «Limburgia», que sae domingo. Se elle não embarcar, o esposo ultrajado matal-o-ha segunda-feira».

Avisada a Agencia, onde o capitalista possuia um amigo intimo, de que podia fornecer passagem a quem a procurasse em seu nome, ficou Augusto Ventura descançado. Segunda-feira, porém, abrindo, a correspondencia, quasi cae para traz, ao lér a conta da companhia de navegação.

Tinham seguido viagem, por sua conta, 41 passageiros de primeira classe, 17 de segunda, e 94 de terceira! — X. X.





AS TRES IRMÃS

Os dois amigos foram com andar ocioso, calçada fóra, pelo lado da sombra, cada qual, discretamente, á espera, não disseram de quem nem de quem, mas, evidentemente, de alguma cousa, quando mais não fosse — do tempo...

E nesse caminhar sem rumo não houve vitrina que lhes não merecesse demorada inspecção ou cartaz de cinema diante do qual não estacassem.

Afinal abancaram no Lopes Fernandes, porque, assim como os passos também os pensamentos vagabundeavam, ao léo.

O que se sentára de face para a Avenida deixou de repente o canudo por onde sorvia o refresco para soltar a sua conhecida gargalhada estrondante, razão por que o companheiro logo se voltou afim de ver a causa da subita hilaridade. E como nada visse, inquiriu:

— Que foi?

— Chega alli, á porta, e admira a creatura que váe passando... Só o «chaspellino»!...

— Era só o que faltava!

— Pois perdes, francamente. Para mim não ha melhor divertimento: — por 200 rs. dados ao engraxate ou dez tostões de refresco, podemos ver cousas impagaveis, de dentro de uma sala ou do fundo de um corredor.

E' só olhar para a' rua.

— Exame de narizes ou de orelhas?

— Também pode ser isto; mas o que, sobretudo, me distrahe — é o andar. Ninguém anda como outra qualquer pessoa... Olha, só!

E os dois rapazes começaram a rir ante a disfillada dos transeuntes: — uns inclinados para frente, outros coxeantes; estes a balancearem o corpo, aquelles a pisarem para dentro; o que ginga os quadris e o que apruma o busto, exóticos, diferentes sempre, exquisitos quasi todos, ridiculos uma infinidade.

— Mas não é somente o andar; ouve também as phrases truncadas, á passagem. Une-as depois, e verás que disparates.

E chegaram-se então para a porta, pondo-se á escuta.

O momento foi propicio, pois não tardou que se approximassem um magote de passageiros, vindos dos lados de Botafogo.

— Atenção! — disse um.

— Prompto — acudiu o outro.

A' frente vinham vagarosamente duas senhoras de physionomias severas, ar de quem combina vestidos. Seguiam-se dois homens, aspecto de tarefeiros ou constructores e mais tres estudantes

ou sportmen. O que se ouviu foi apenas isto: ... com quatro alfinetes...

... lá p'ra os fundos, bem nos fundos...

... derrapou na curva...

E já os dois riam a bom rir, quando lhes passaram rentes ao queixo duas moçoilas saracoteantes, dizendo uma dellas á guiza de remate:

... «Pensa que ella se encommudou? Que esperança!...»

Commentavam ainda as partidas que o acaso sóe pregar, quando chegou o Salles para se fundir no grupo. Foi elle quem relatou o seguinte



AS PEROLAS



A encantadora senhora de sociedade, tão conhecida pelo esplendor da sua vida mundana e pelo barulho de que cerca a sua personalidade, tem, na opinião dos que intimamente a conhecem, duas paixões capitais: a das joias, de que possui uma collecção admirável, e a de parecer mais jovem do que realmente é. O exagero com que encurtou os seus vestidos quando a fimbria das saias beijava a curva dos joelhos, e a vaidade irritante com que exhibe os seus brilhantes, os seus rubis, as suas esmeraldas, o seu thesouro, enfim, de pedras preciosas, confirmaram aos olhos do publico essas duas fraquezas, de que faz, aliás, a força do seu encanto.

Nas reuniões que dava, quando vivia em perfeita harmonia com o marido e nos chás a que ia sosinha, depois que se separou d'elle, não era raro ouvi-la dizer, para que todos ouvissem:

— Quando eu nasci, em 1895...

Ou então:

— Quando se tem vinte e seis annos, como eu...

Informado sobre as duas manias da deliciosa brasileira, o conhecido parlamentar e capitalista resolveu

incensar-lhe uma das vaidades essenciaes. E como lhe fosse mais facil gastar cinquenta

numero do sapato do enfermo, o nome do seu padrinho de casamento, a cor dos olhos da sua primeira namorada, as cousas, em summa, que nos parecem, a nós, leigos, completamente alheias á vida do nosso organismo, mas que são indispensaveis, ás vezes, ao seguro diagnostico de um medico de consciencia. E quando nada mais faltava saber, nem dizer, passou a seguinte receita:

«Para o sr. Sylvio Fagundes.

Bico de mammadeira	Um
Novello de barbante	Um



contos do que dizer cinco finezas, foi a uma joalheria da Avenida, e encomendou ahi um collar:

— Quero perolas boas, lindas, perfeitas. Das melhores que houver no mercado, — disse. — Arranjem vinte e seis, nem mais, nem menos, e formem um collar chic.

E para o empregado, á sahida: — Vinte e seis; ouviu?

Dias depois, penetrava o palacete da gentilissima creatura o opulento parlamentar nortista. Recebido na sala de visitas, foi uma festa dos olhos a vista do collar, quando o visitante abriu a custosa caixa de seda, com monogramma de ouro, offerecendo-lh'o:

— Aqui tem. E' uma lembrança da minha admiração á sua mocidade. Cada perola corresponde a um anno da sua vida. São vinte e seis!

— Vinte e seis? — exclama, espantada, a linda senhora, encantada com a belleza das perolas.

E vendo quantas ainda faltavam para formar um collar maior do que o que possui uma das suas amigas:

— E' engano seu, doutor!

E dentes á mostra, num sorriso que era um deslumbramento:

— Eu nasci... em 1856!..

Amarre o bico da mammadeira no forro do quarto, deixando-o pender a pequena altura do colchão.

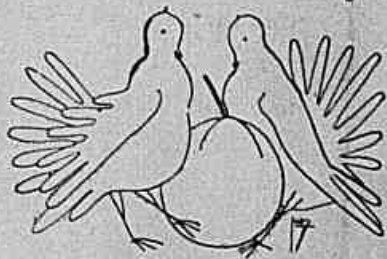
Use durante a noite.

Austregésilo»

Aviado o récipe, e disposto conforme a instrucção do medico, a irmã do enfermo fez com que elle se deitasse, metteu-lhe na mão o bico da mammadeira, e retirou-se. E no dia seguinte mostrava-se satisfeita com o resultado.

O viuvo, graças ao remedio, havia dormido até de manhã.

Almirante Justino Ribas





O ANARCHISTA

(Adaptação de Henri Lavedan, da Academia Franceza)

Desde que se dá a primeira explosão na fabrica de tecidos «Boa Esperança», a Policia ficara de alcatéia: os anarchistas iam repetir as depredações do anno anterior, alarmando a cidade, interrompendo o trabalho, e estabelecendo por toda a parte o regimen do terror.

Dirigido por alguns aventureiros hespanhóes expulsos de Montevidéo, o movimento, dessa vez, promettia generalizar-se. Não havia noite em que a população não tomasse um susto, com a explosão de uma bomba. E tamanho era o cuidado com que os depredadores agiam na sombra, que as patrulhas não chegavam a ver, nas vizinhanças do sinistro, a sombra, sequer, de uma creatura humana.

O ardor com que o Juan Martinez, o jovem official de caldeireiro transformado em apostolo, pregava as idéas libertarias bebidas em Kropotkine e Karl Marx, chamara, estretanto, sobre elle, a attenção da da Policia. A circumstancia, mesmo, de o terem visto em um botequim do Caes do Porto na noite em que explodiu um petardo no Alto da Tijuca, deixava perceber ás autoridades a sua participação no movimento. Só o cúmplice de um crime, pensavam os agentes, podia estar tão

longe do acto delictuoso no momento em que elle se realizava.

Preso Martinez, começaram os inqueritos, as pesquisas, as sindicancias. Na revista passada no seu casebre, em um recondado da Saúde, nada foi descoberto, que orientasse o faro policial. Uma pista foi, entretanto, encon-

Ilusão de optica



— Olha este quadro. O individuo não tem a cara de quem está «ouvindo» um mau cheiro?

seu nome. O delegado, com a sua argúcia, viu, porém, o contrario, e iniciou, de prompto, o seu bombardeio de perguntas:

-- A senhora conhece Juan Martinez ?

— Sim, senhõire, senhor duli-
gado, — respondeu, chorosa, a
rapariga.

trada, que poderia ir teu
ao poço da Verdade: o
operario era visitado no
seu pardieiro, de dois em
dois dias, por uma rapa-
riga portugueza, a Maria
dos Anjos, lavadeira de
profissão, a qual, pela
sua intimidade com o
anarchista, poderia, tal-
vez, offerecer esclareci-
mentos proveitosos.

Prenderam Maria dos Anjos, que foi levada, em pranto, á Policia Central, onde começou, logo, o interrogatorio. Uma pessoa que não pertencesse ao Corpo de Segurança, teria, logo, á primeira vista, a impressão de que alli estava uma innocente, custodiada pelos seraphins do





Os dois ultimos



Um silencio de morte pairava, naquella dia, sobre a terra deserta. O mar, o proprio mar que outr'ora reboava, trovejando, de encontro aos penedos da bahia, não era mais, agora, que uma pequena bacia d'agua escondida entre rochas, no grande valle entre o Pão de Assucar a Ponta do Arpoador.

A cidade vasta, enorme, que outr'ora subia pelos morros e extendia-se pelas planicies, não passa, agora, de um monte de ruínas. Os ultimos homens desapareceram.

A' beira do mar, numa eminencia rochosa, um homem, entretanto, trabalha ainda. Curvado ao peso da idade, barba até o umbigo, dorso coberto pela pelle dos ultimos animaes da fauna equatorial, o abnegado arranca do chão as plantas parasitarias que o infestam, num contentamento que denuncia haver chegado, no mundo, o dia mais feliz do livro do seu destino.

Subito, o ancião espraçou os olhos pelo promontorio, suspirou satisfeito, e, encaminhando-se para uma pedra alta que alli havia, remanescente de um grande edificio desaparecido, bradou, do seu cimo, a voz tremulza, aos quatro ventos :

— Mortaes, que ainda restaes na terra, accorrei, para a ultima festa do Planeta ! As obras para a commemoração do Centenario da Inderendencia do Brasil estão concluidas !

Cavo, soturno, o seu grito reboou pelo valle. Não houve uma voz de homem, nem um urro de féra, que lhe respondesse.

E elle tornou:

— Mortaes, que ainda restaes no mundo, vinde a mim. Correi ! As obras do Centenario estão terminadas !

O mesmo silencio. A mesma solidão.

No dia seguinte, á claridade dubia de um sol moribundo, o ancião subiu á pedra, de novo, e ia soltar o seu grito de ultima ave da fauna humana, quando viu, caminhando no seu rumo, entre as ruínas da cidade, uma figura de homem. Tinha a barba tambem longa, vestia um burel, e trazia á mão um cajado.

— E', talvez, membro de alguma Embaixada estrangeira ! — exclamou o velho, esfregando as mãos, descendo apressadamente da pedra, com os olhos cheios d'agua, de commoção.

A dez passos de distancia, correu para elle, afflicto, as mãos postas :

— Quem sois vós, senhor ? Quem sois ?

O viandante parou, a testa franzida, e indagou, desconfiado :

— E tu, quem és ? Que fazes tu, ainda, na terra, depois que a humanidade toda desapareceu, arrastada pela profunda vaga dos seculos ?

— Eu, senhor, — gemeu o velhinho, — eu sou... o Carlos Sampaio, Prefeito do Rio de Janeiro !

E olhos supplices, para o peregrino :

— E vós ?

— Eu ? — attendeu o viajor de grandes barbas, curvando a cabeça hirsuta, em que os cabellos de neve se emmaranhavam ; — eu...

E já em marcha, batucando o seu cajado :

— Sou o Judeu Errante...



que dá uma idéa suave da simplicidade da nossa gente.

— «Como sabem a unica diversão das villas do interior é ver passar o trem ; se em Petropolis, aqui perto, e assim, quanto mais em Barbacena ! Ora como eu me encontrasse na gare á hora em que chegava o comboio do Rio, aconteceu um dia que me vi perto de tres senhoras, não sei se duas casadas e uma viuva ou se duas viúvas e uma casada... que o estado civil não vem ao caso, afinal...

Digamos as «Tres Irmãs» para narrar e em homenagem ao vate.

Não havia parado um minuto ainda quando a «mais velha das tres» disse ás companheiras, olhando para o embudo da locomotiva, que se movia em rythme vagaroso :



— Grande cousa é esta ! — exclamou, a admirar o cano fumoso.

— Como você gosta mais do trem ?

— Eu ? — disse a do meio — eu prefiro quando entra na estação.

— Ahi está — repontou logo a outra, — sou de verdade exquisita, porque, creia, gosto mais quando elle sáe..

— E você ?

— Eu ? — deixou escapar a mais moça das tres, olhando os movimentos do embudo — prefiro mil vezes... manobrando...

E ficaram-se a olhar a locomotiva, que lá se ia, linha em fora, pondo fumaça pela chaminé.

Gil de Laval

FABORDÃO

Felizmente p'ra Don'Anna!
Felizmente p'r'o marido!

Na sisudez de Don'Anna
Só o esposo se não fia:
Com ciosa mão tyranna
A imbelle dama opprimia.

Retida em casa, Don'Anna,
Qual num carcere, vivia;
E ahi, cerrada a ventana,
Da rua ninguem na via.

Certo innocente, Don'Anna,
Taes tratos não merecia.
O esposo... Ella o não engana:
E elle porque desconfia?

D'este a suspeita vesana
No ciume se accendia;
Mas dos olhos de Don'Anna
Ciumes quem não teria?

Felizmente p'ra Don'Anna,
Como tudo cessa um dia,
Elle, alfim, se desengana
E a confiar principia.

Principia elle em Don'Anna
A confiar: principia
A espairecer a leviana
Celimene, á luz do dia...

Em novos ares, Don'Anna
Sólta o vôo á phantasia;
Nos bailes reina e se ufana
Dos chichisbéos que extasia.

Aos seus feitiços Don'Anna,
Como cúmplices, allia
O leque com que se abana,
A flôr com que se atavia...

Gyra, doideja Don'Anna
Incauta assim... Todavia,
A maledicencia humana
Por traz da rótula espia...

A maledicencia humana
Observa, espreita, vigia,
Segue os gyros de Don'Anna,
E descobre o que queria.

Qual mariposa, Don'Anna
Cáe na teia, que lhe urdia
A caranguejeira humana,
Com visguenta hypocrisia.

E, a boquejar em Don'Anna,
Ninguem despertar temia
Do Othello a colera insana...
Que horror! se elle o sabe um dia!

Em vez da colera insana,
O contrario... Quem diria?
(Felizmente p'ra Don'Anna!)
O contrario succedia.

Em alta voz, da leviana
Já muito mal se dizia:
Só o esposo de Don'Anna
Era surdo, ou nada ouvia!

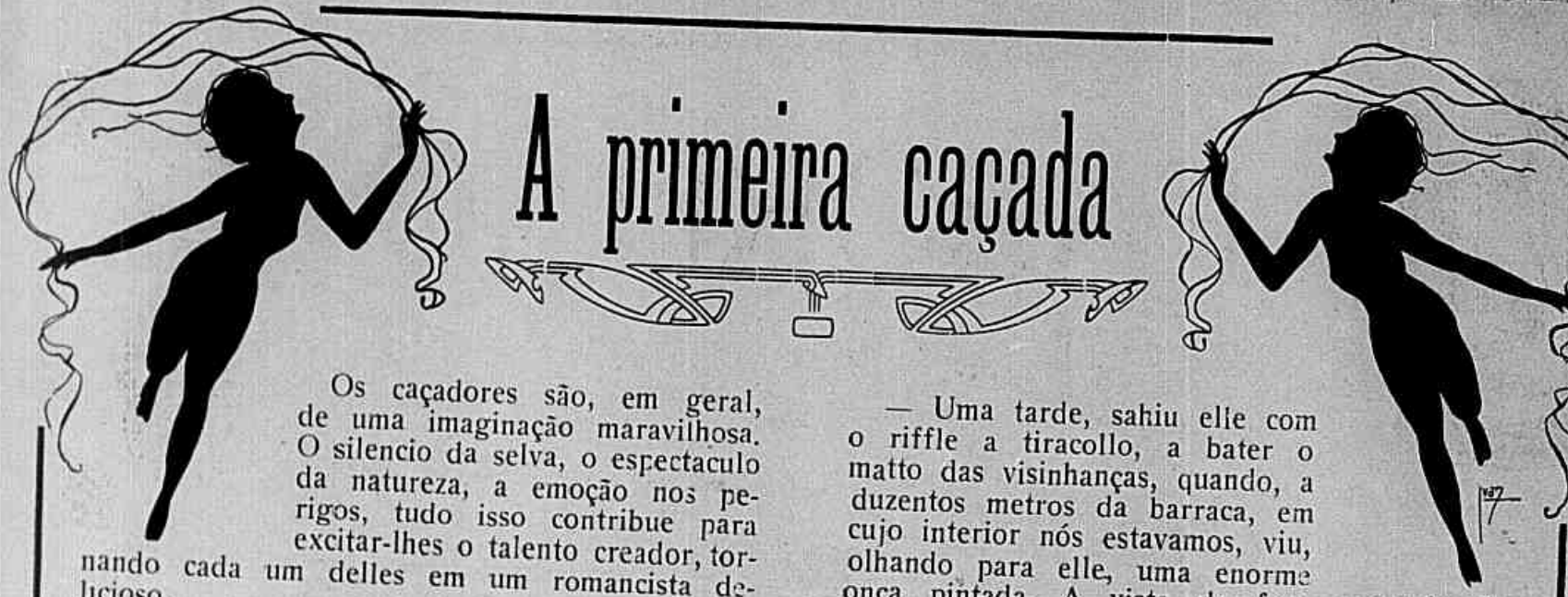
Toda a gente, da leviana
Os amores conhecia:
Só o esposo de Don'Anna
Era cego, ou nada via!

Só o esposo de Don'Anna
Nada via, nem ouvia,
Cego e surdo; e bem se engana
Quem pensar que elle fingia.

Suspeitára de Don'Anna,
Quando ella bem procedia;
E agora, sim, que ella o engana
Agora é que elle confia.

RAYMUNDO CORRÊA





A primeira caçada

Os caçadores são, em geral, de uma imaginação maravilhosa. O silencio da selva, o espectáculo da natureza, a emoção nos perigos, tudo isso contribue para excitar-lhes o talento creador, tornando cada um delles em um romancista delicioso.

O commandante Pereira da Cunha, o venturoso companheiro de Roosevelt na sua excursão por Matto-Grosso, constitue, entretanto, uma excepção na classe. Ao benzer a sua espada de official de Marinha, o jovem Nemrod das nossas selvas benzeu, tambem, a sua espingarda de caçador. E ao benzel-a, fez o juramento de não contar, jamais, uma historia que não fosse a legitima expressão da verdade. E era elle que me contava, um dia, o caso de um companheiro seu, que apanhou uma onça viva, trazendo-a até á porta da barracca.

— O tenente Reis, como o senhor sabe, — começou o narrador, — esteve connosco em Matto-Grosso. E o seu maior desejo era ver-se frente a frente com uma onça. Nós, os velhos caçadores, achavamos graça da sua deliberação, e riamos. Elle tomou, porém, o peão na unha, e apostou connosco levar-nos uma onça viva á porta do nosso rancho.

— E levou? — indagámos.
— Espere ahi. Isso vae por partes. E contou:

Cousas do Rio . . .

Certa dama estava em paz.
A um poste, esperando o bonde,
Quando se chega um rapaz,
A quem, zangada, responde;

— «Deixe-se, moço, de graça!»
Insiste o moço: — «Onde mora?...»
— «Meu Deus! que horror! que desgraça!
Si vem meu marido agora!»

E a dama, que o caso teme,
Diz-lhe logo anciosamente:
— «Me deixe!... Moro no Leme...»

«Me deixe!... Sou D. Ivette...
Moro á rua João Vicente...
Me deixe!... No trinta e sete...»

Tangerini,

— Uma tarde, sahio elle com o riffle a tiracollo, a bater o matto das visinhanças, quando, a duzentos metros da barracca, em cujo interior nós estavamos, viu, olhando para elle, uma enorme onça pintada. A vista da fera coagulou-lhe o sangue nas veias; e elle não teve duvidas: atirou o riffle para um lado e desandou na carreira, com velocidade de trezentos kilometros á hora, no rumo do acampamento.

— E a onça? — perguntamos, inquietos.

— Satisfeita como estava, pois que havia acabado de comer um porco do matto, a onça limitou-se a correr, em passo molle, e sem pressa, na perseguição do nosso amigo. E assim veio até á porta da barracca, por onde o Reis enfio, de um pu'lo, entrando, como um raio, pela janella. A onça ficara do lado de fóra, focinho alto, olhos inquiridores, farejando. Ao sentir-se salvo, o caçador olhou para traz, e respirou. Em seguida, sungou a calça, e, encaminhando-se para o outro compartimento do rancho, onde nós estavamos, exclamou, morto de cansaço, sem pinga de sangue:

— Então... ganhei... ou não ganhei... a aposta?
E offegante, extendendo a mão para a frente do rancho, onde a fera esperava per elle: — Eu não disse... que trazia... uma onça... viva... até... á porta... da barracca?

Newton

— Ia á casa d'elle?

— Sim, senhõire.

— Não sabia que elle era anarchista?

— Não sabia, não, senhõire.

Um momento de silencio, para o escrivão adeantar o auto de respostas, e nova pergunta:

— E quando ia na casa d'elle, nunca viu, em algum canto, em alguma gaveta, escondidas entre a roupa, bombas de dynamite?

— Não, senhõire doitõire; e, se visse, não sab'ria o que era, porque nunca vi bombas na minha vida.

Escrupulosa, a autoridade chamou o cabo, mandando buscar, no deposito, um petardo do tamanho de uma laranja, apprehendido na vespera.



— E' isto, — disse, mostrando-o á rapariga. — E' isto!

Maria dos Anjos estremeceu, tornando-se pallida.

— Ai, senhõire doitõire, — gemeu — isso, o João tinha, sim, senhõire!

E desatando a chorar:

— Tinha duas, sim, senhõire; tinha duas, escondidas no fogão, debaixo da chaminé!

No dia seguinte Juan Martinez partia para a Europa, deportado, pelo crime de ter bombas em um paiz em que, geralmente, ninguem as tem.

Absalão



INCONVENIENTES DO COLLETE



- Teu marido, está, agora, sem dinheiro?
- Porque perguntas?
- Andas tão « apertada » ...

CONHECIMENTO DO MUNDO



— Anda, filha. Há meia hora que estou pronto, esperando por ti.

— Espera, filhinho. Mais um instante, e vou sair tão bonita que o Ministro, hoje, te arranja um emprego!



SANTO ANTONIO

Afinal de contas, sempre era um sacrilegio. Não houvera, porém, no caso, a menor intenção má.

Quando Laurita chegou ao fim do curso no Collegio de São e veio para casa, o que primeiro anunciou às amigas foi que compraria um cachorrinho branco, um loulou da Pomerania, o mais pequeno possível.

Logo, porém, houve uma zombaria geral. A Tudinha, cujo rosto original respirava pureza, atalhou, maliciosa:

— Você precisa disso?

E a Maricota Rios sentenciou:

— Não vale a pena, menina...

Diante destes e outros commentarios, a Laurita resolveu que o cão a comprar não seria «loulou» nem da Pomerania, nem de parte alguma. Seria um excellente cachorro policial.

E, dito e feito. Sahiu, um dia, com a mãe, foi a uma casa em que annunciavam cães dessa raça e veio no automovel com um animal magnifico. No automovel mesmo, ficou decidido que se mudaria o nome do animal. O vendedor o baptisára como «Bismarck», mas Laurita resolveu que, no domingo, quando as amigas viessem, cada amiga escreveria um nome em um pedaço de papel e tirar-se-ia á sorte o que se daria ao cachorro.

Foi com estas honradissimas intenções que ella chegou á casa. Ah!, porém, se produziu um facto que a levou a mudar de ideia.

Dias antes, vindo do banho, ella entrara no seu quarto, fechara-o e se deitára. Quando se levantou e quiz calçar as chinellinhas, só achou

uma. Revolveu-se tudo e não se descobriu a que faltava. Era um mysterio. Ninguém entrara no quarto, cuja porta estava trancada. Como, portanto, desapparecera a chinellinha? Ninguém soube explicar.

Ao penetrar em casa com o seu cão policial, Laurita quiz pôr-lhe á prova os talentos. A mãe lembrou-lhe que provavelmente nada se obteria porque em vão se tinha recorrido a Santo Antonio, cuja especialidade era a descoberta de cousas perdidas. Mas Laurita insistiu; levou o cão ao seu quarto, deu-lhe a farejar a chinellinha restante e mandou-o procurar a outra.

Foi um instante. O cão levantou o focinho, sorveu o ar orientando-se e armando um pulo immenso, cahiu em cima do guarda-vestidos, tomou a chinellinha que

se procurava e, com outro salto, voltou ao chão para entregal-a á dona.

Laurita comprehendeu então o que se passára. Ao chegar do banho, ella se deitou no leito e atirou para o ar, adoidadamente, ambas ás chinellinhas. Uma cahira pesadamente no chão. A outra ficára sobre o armario. Mas Laurita que não vira isso, nunca lhe pôde imaginar o paradeiro.

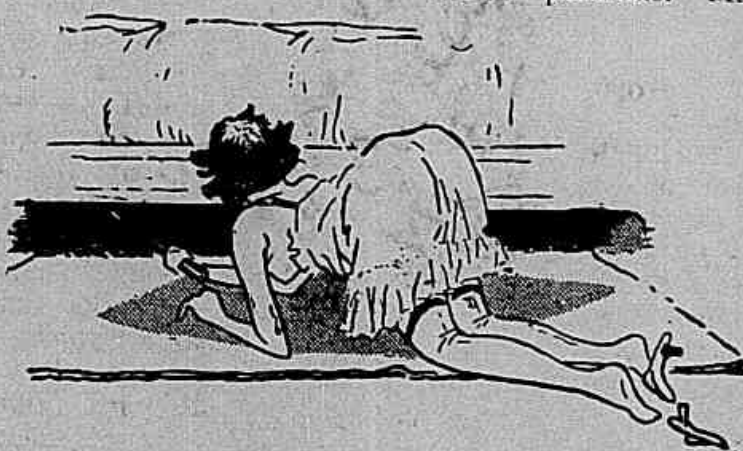
Radiante com a descoberta, ella correu a conta-la á mãe:

— E você fallava em Santo Antonio!

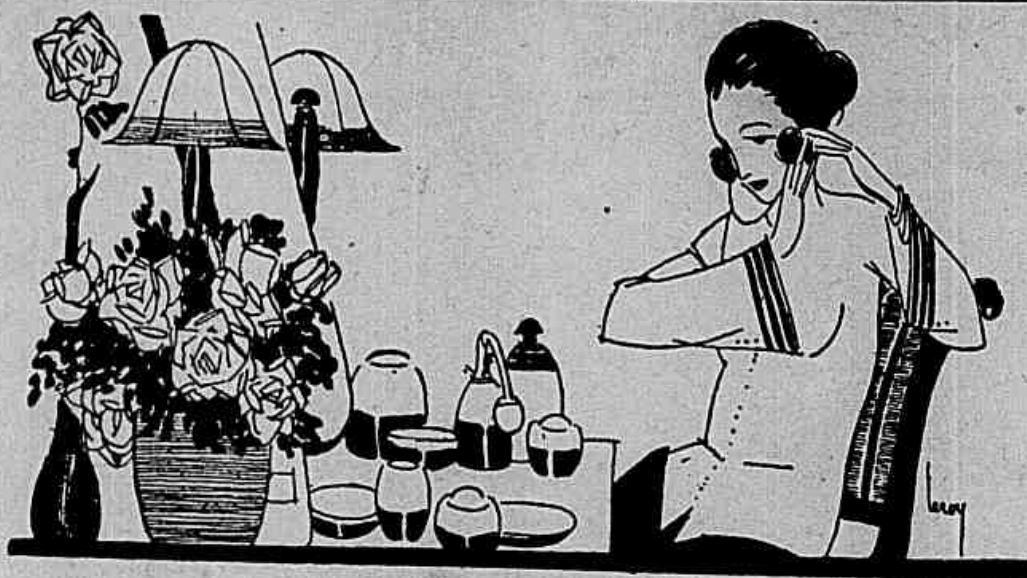
Foi então, dizendo isso, que lhe veio uma ideia:

— Você sabe, mamãe, o cachorro passa a chamar-se «Santo Antonio».

Dona Lindinha protestou, horrorizada. Mas Laurita insistiu:



Assumptos para o jantar



“Potins” para a sobremesa

A Martyr do Golgotha

A vida da conhecida senhora, hoje divorciada, tem sido um conjunto de peccados e arrependimentos. Maria Magdalena do alto mundo, tem ella varias vezes chorado os proprios erros, para praticar outros, na primeira oportunidade. E era della que se fallava, naquella tarde, em um dos bancos do Flamengo, quando alguém observou:

— E' uma verdadeira martyr, coitada! E o Calvario della tem sido longo.

— E' verdade, — opinou uma das amigas, perversa. — E' a nossa «martyr do Golgotha».

E rindo:

— Pelo menos, tem «cahido» muito...

A hera e o muro

Nas festas carnavalescas de Petropolis, foi aquelle o caso sensacional. A distincta e nobre senhora, excitada pelo ether das bisnagas, desmaiou de repente, sendo soccorrida por um «almofadinha», que se achava proximo. Nessa occasião, porém, o «almofadinha» victima do mesmo mal, desmaia tambem, sendo amparado pela dama, que já havia melhorado, e é uns trinta annos mais velha do que elle.

— Bello quadro! — exclamou, ao vel-os, o dr. Wladimir Bernardes.

E apontando o rapazola, que se atracava á matrona:

— A hera agarrada á ruína!...

Hercules e Omphale

O opulento capitalista, que é tambem politico de nomeada, resolveu conquistar aquelle coração e aquelle corpo, e começou a fazer despesas. Em dois mezes, trinta contos. No terceiro mez, a creatura cortou relações, sem o menor adeantamento.

Contando o seu caso a um amigo, o outro estranhou:

— Tu tiveste essa fraqueza? Tu, um Hercules?

— E' verdade, — confirmou o desgraçado. — E nunca fui um Hercules tão a caracter como desta vez.



E rindo, consolado:

— Cheguei até a «fiar»...

Os telephones

A proposito do tempo que se gasta para conseguir uma communicação, contava, outro dia, o dr. Miguel Osorio um caso que, como se vê, deve ser absolutamente authenticico.

O dr. Estellita Lins, entrou, uma vez, em um telephone publico da praça Tiradentes, e, como levasse um embrulho grande pediu a um menino que se achava á porta que o segurasse por um instante. A' sahida, procurou o garoto, e, como só visse alli um rapaz já crescido, indagou:

— O senhor não viu um menino que estava aqui com um embrulho?

— Não, senhor.

— E já está aqui ha muito tempo.

— Sim, senhor.

O dr. Estellita olhou o volume que o rapaz tinha na mão, e, vendo que era o seu, reclamou:

— Mas, esse embrulho é meu!

— Não, senhor, — protestou o rapaz intrigado. — Este embrulho é de um mocinho sem bigode que entrou aqui para falar no telephone.

Não se conheciam mais, os dois. O menino tornara-se rapaz, e o dr. Estellita, que entrara imberbe, sahira completamente barbado!

Justificação

Desafiado para um duello pelo marido de uma senhora que calumniara, o conhecido almofadinha appareceu no «campo da honra», tomando posição. A' ordem de «fogo!» porém, apertou o gatilho, e desandou na carreira, rumo da estrada. Detido, as testemunhas reclamaram:

— Que é isso?

O senhor está com medo?

— Medo, eu? — protestou o covarde.

E rindo, amarello:

— Eu sou como o canhão: quando atiro... recuo!



THEATRO NACIONAL

Entrevista com Mme. Celina

Scenario e montagem da "MORTE DE BARBA AZUL".

Mme. Celina — 40 e tantos.. Reporter — 20 e poucos.

Mme. CELINA — Novamente?!...

REPORTER — Desejava ouvir o brilhante espirito de V. Ex...

Mme. CELINA — Outra entrevista?!... Teria resuscitado o «Barba-Azul»? Não creia... Deve ser «blague...» Os proprios deuses morrem... e já dizia Renan que não seria bom que elles fossem eternos...

REPORTER — Não se trata de resuscitar e sim de renascer...

Mme. CELINA — (torrencial) Renascer?... Quererá talvez a minha opinião sobre os tonicos de Mme. Po'oka?... Nesse assumpto eu sou como o pce'a Goulart de Andrade... Sabe... o nosso José Maria não tem apenas o fogo de D'Annunzio... elle começa, ou antes, vae acabando de copiar-lhe a calva... Entretanto ha dias no Basin elle pediu um tonico contra a queda dos cabellos... O gerente que é caréca como uma bola de bilhar fez uma exposição de vidros e garrafinhas e preconizou as virtudes maravilhosas daquellas aguas coloridas. Ao fim o poeta perguntou: — Desses tonicos qual é o que o snr. usa? — "Porque? indagou o outro. — "E' bôa" retrucou o

José Maria, olhando o calvo do negociante, "E' para não comprar..."

REPORTER — V. Ex. tem uma «causerie» admiravel... Infeizmente tenho de explicar alguma cousa... desejo ouvir V. Ex. sobre o renascimento do «theatro nacional...» Sabe... o Centenario...

Mme. CELINA — O theatro «Centenario» do Oduvaldo Vianna e do Viriato...

REPORTER — Fallo do outro Centenario... que a Prefeitura quer commemorar ali no S. Pedro...

Mme. CELINA — Oh!... A velha historia...

REPORTER — Como velha?... Se é a ultima creação do nosso Prefeito, que vae despejar sobre a cabeça do popularissimo Fróes a cornucopia dos duzentos contos... Novo... tudo novo... desde a idéa até ao dinheiro...

Mme. CELINA — Velho... tudo velho, meu caro... Em cem annos nada de novo... Noto apenas uma differença... e que ao tempo de D. João VI o monarcha despertava da somnêca e abandonava o camarote imperial quando os artistas se casavam... em scena...

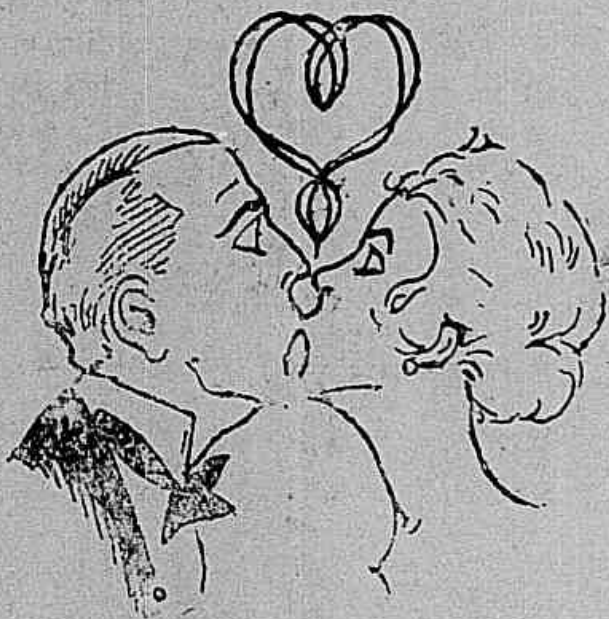
REPORTER — E agora?!

Mme. CELINA — Agora?... Nem isso... Elles já entrarão em scena casados... A Lucilia Peres. a Amalia Capitani...

REPORTER — V. Ex. é contra o casamento no theatro?...

Mme. CELINA — Tal qual o meu camarada. o criterioso João Fuso, que não tolera o theatro que acaba em casamento desde que a Lucilia abandonou o palco em S. Pau'o...

REPORTER — V. Ex. não confia no casamento do theatro nacional...





— Ora, mamã, até o santo ha de achar graça. Si achou ninguém sabe. Mas o cachorro tomou-lhe o nome e continuou a fazer proezas memoráveis.

Era frequente que achasse cousas perdidas. Laurita, quando não sabia onde tinha posto as luvas, dava-lhe as mãos a cheirar e Santo Antonio voltava minutos depois com o que ella queria.

Talvez, porém, o maior triumpho de Santo Antonio tenha sido num dia em que Laurita acabava de tomar banho e mesmo no banheiro queria fazer uma toilette sumaria. Mas a criada, que era um monumento de estupidez, não lhe trouxera o «soutien-gorge».

Laurita lhe explicava pela porta entreaberta onde estava o que ella queria, quando Santo Antonio passou no corredor. Furiosa com a criada, desejando humilha-la, ella teve uma ideia. Chamou o cachorro, deu-lhe a cheirar o collo virgem e branco e o cachorro partiu a buscar, com uma segurança admiravel, o «soutien-gorge» que ella desejava.

Foi um successo!

Laurita vivia com a mãe, viuva rica, e um irmão engenheiro, ainda celibatario. O irmão fôra, porém, obrigado a partir em serviço de sua profissão.

A familia estaria, portanto, reduzida a duas pessoas, si o primo Raymundo, um rapagão maranhense (de onde haveria de ser um Raymundo, sinão do Maranhão?) não tivesse vindo hospedar-se em casa da tia, por um mez.

Isso aliás succedia de tempos a tempos.

Deram-lhe para dormir o quarto do primo ausente, que era no sótão, um largo e magnifico sótão. Havia nisso uma vantagem para o rapaz, porque lá estava, de portas e janellas abertas, á vontade, sem incommodar ninguém e sem poder ser visto.

Das outras vezes em que Raymundo se hospedara na casa da tia, Laurita estava no collegio. Elle não lhe dava confiança de occupar-se com ella.

Desta vez, porém, achou-a moça, bonita, appetitosa e de um desembaraço tão grande, que não havia remedio sinão fazer o que elle fez: namora-la.

Até onde chegava esse namôro ninguém sabia...

Um dia — ou para ser mais exacto, uma tarde, acabado o jantar, Laurita se vestiu para ir ao theatro com a mãe.

Iam á segunda sessão de uma peça no Trianon, que o Viriato Correia lhes garantira que era um prodigio de graça.

O jantar acabou ás 7 e meia. O espectáculo só começaria ás 9 e 45.

Laurita e o primo foram conversando, disfarçando e acabaram mettidos num caramanchão, a essas horas muito escuro, que havia no fundo do jardim. E lá ficaram...

A's 9 e 20, a mãe de Laurita, vendo chegar o automovel que as vinha buscar gritou pela filha e foi tomando lugar no carro. Laurita acudiu, correndo, arranjando-se, muito perturbada.

Durante esse tempo, o primo, srateiramente, partia para o seu sótão.

Dona Lindinha já ia dizer ao motorista que partisse, quando notou que a filha estava sem a luva da mão direita. Observou-lhe o facto. A moça dispunha-se a descer do automovel para buscar a luva, quando viu no portão o seu admiravel cachorro, que, sempre que ella partia, vinha acompanha-la até ahí.

Não hesitou mais: deu-lhe a mão direita a cheirar e mandou-o procurar o que ella precisava.

Santo Antonio farejou a pequenina mão mais que de costume. Mas de repente desembestou por alli a fora.

Raymundo, que estava, como sempre, de portas e janellas abertas, viu-o entrar de subito no seu quarto, tomar qualquer cousa e disparar a toda a velocidade. O rapaz nem poudo observar o que tinha sido. E', porém, facil de imaginar como ficou Laurita, quando Santo Antonio, triumphante, lhe apresentou, entre os dentes, a camisa, que o primo acabara de tirar e deixára no chão do quarto...

D. Fanfás





GALHO DE URTIGA

Coração de avô

O jovem funcionario, homem trabalhador, era daquelles que suppunham, ingenuos, que «almofadinha» não era homem. Veraneando em uma cidade serrana, consentiu a amizade de um delles desde 1920 e, este anno, a amizade ainda estava intensa, quando, certa manhã, ha uns quinze dias, o rapaz desceu para o emprego.

Adorando a filha, o sôgro do funcionario foi visital-a nessa manhã. Chegou diante do quarto, no hotel, e bateu. Percebendo vozes mais ou menos masculinas (voz de almofadinha), estranhou, mandando abrir. Sussurros. Carreiras. Manifestações sonoras de susto. Des-

confiado, o ancião poz a porta a baixo, e recuou: no compartimento, á vontade, estavam o almofadinha e a filha!

Homem de bem, o velho leva a mão ao revolver, prompto para fazer fogo. A moça colloca-se, porém, entre os dois, num grito:

— Meu pae!

E braços abertos:

— Não mate... o pae de meu filho!...

O ancião lembrou-se do pequenito, baixou a cabeça, e sahiu...

Como na Russia...

O opulento capitalista vivia, ha bempos, em uma cidade de verão, encantado por uma rapariga que lhe namorava o coração. Seduzido, foi, pouco a pouco, esquecendo a família, o lar, a mulher, que ficaram em disponibilidade. A esposa não era, porém, desprezavel, e o primeiro a comprehender isso foi o «chauffeur» do capitalista, que tomou logo conta da casa como Lenini tomou conta da Russia.

Ha dias, o homem de dinheiro teve denuncia da substituição. Habi, tomou o trem, saltou o caminho, voltou para a cidade, e esperou que o jardineiro, seu cúmplice, lhe fosse dizer se era occasião do flagrante. Chegado o momento, foi, e, verificando que tudo era exacto, poz fóra de casa, na mesma hora, creados, mulher, sogra, emfim, a população inteira.

E horas depois, para um auto á porta do palacete.

Era a amante, que tomou, immediatamente conta da casa...



Paga o justo...

O conceituadissimo advogado tomou do phone, e pediu comunicação para sua residencia. Um pequeno rumor no aparelho annunciou que a ligação estava feita:

— Allô! — trovejou elle.

E não poudé dizer mais nada. Do outro lado da linha veio-lhe uma saraivada de descomposturas, de voz feminina, que não tomava folêgo:

— Cynico! Mentiroso! Patife! E eu te esperando! Dois dias, e, nem ao menos por consideração, por gentileza, pela cortezia que cada homem deve á sua mulher, me dêste a menor satisfação!... E's um canalha!... Um canalha, sim... Odeio-te!... Um individuo como tu, só merece desprezo, nojo, repugnancia!...

— Mas... — aventurou o advogado, com o espanto nos olhos.

— Que «mas», nem meio «mas»! E's um cynico! Um miseravel! Um mi... se... ra... vel!

— Mas, minha senhora, — tornou o jurista, — tornou o jurista,

— ha engano da sua parte. Eu não sou quem a senhora supõe!

— Não é o João quem fala?

— Não, senhora; houve engano na ligação!

— Então... desculpe!
E desligou, com estrondo.



Pavores de noctivago

— Nossa Senhora! Fazei com que eu não dê um «mau passo»!...

Bico de Braza



Paradoxo

Ponto dos bondes da rua
Santo Antonio. Seis da tarde.
Gente que chega da Avenida
e gente que toma o carro, de
assalto, para a Gavea, para
Copacabana, para as ruas ele-
gantes de Botafogo. E repen-
te, surge dos lados do Central,
arrastando uma creança pe-
la mão, a portadora de um dos
nomes mais famosos das ro-
das mundanas da cidade.

Não obstante a modestia do
marido, vem lindissima. To-
da de branco, um conjun-
cto de sedas e rendas que
daria para sustentar a fami-
lia durante um mez.

— A mulher de Fulano...

— informa o dr. Adheltmar
Tavares.

— De Fulano? — estranhou
um amigo.

E espantado:

— Quem a veste?

O jovem magistrado e poe-
ta sorri:

— Você não sabe?

E num paradoxo:

— Ella é vestida... pelos
que a despem!

A roda dissolveu-se.



ALCOVA DOS POETAS

PUDICA

Nua. Lambendo-lhe a epiderme liza,
Por sob a qual o sangue tumultua,
Caiu-lhe aos pés, em flocos, a camiza,
Deixando-a nua... inteiramente nua...

O pé, que a alvura do banheiro piza,
Mal os dedinhos rozeos insinua
Na água, que em largos circulos se friza,
Logo, fujindo lepido, recua...

Passa por todo corpo um arrepio.
Duros e brancos, hirtam-se de frio
Os seus dois seios. Timida, medroza,

Corre a mão sobre o ventre torneado...
Nisto, lembrando, acazo, o namorado,
Toda se tinje de um pudor de roza...

Medeiros e Albuquerque



Mme. CELINA — Póde ser... póde ser...
mas parece difficil resuscitar o thea-
tro de João Caetano com o Fróes fa-
zendo o «Avarento...»

REPORTER — V. Ex. faz uma critica
severa... O theatro...

Mme. CELINA—(interrompendo) Ora...
conheço o theatro francez... «Pata-
chon, Mlle. Josette, ma femme... La
boue...»

REPORTER — O theatro nacional...

Mme. CELINA — O theatro em portu-
guez...

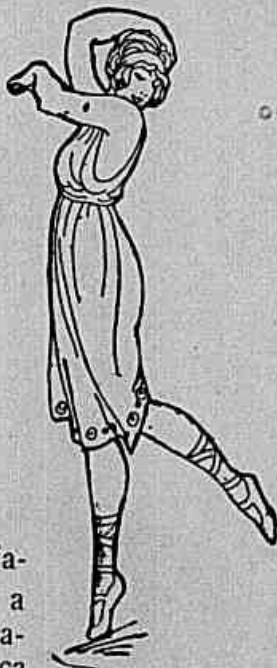
Ah! sim «O alferes da flauta...»

REPORTER — Traducções...

Mme. CELINA — Traduz a epoca...

REPORTER — V. Ex. faz ironia...

Mme. CELINA — Minha vontade era fa-
zer a critica theatral... Cheguei mesmo a
consultar o João Fuso sobre a possibilida-
de de me encarregarem de uma chronica
e'egante sobre as novas «estrellas» do
Cruzeiro do Sul...



REPORTER — E elle?... Estimulou...

Mme. CELINA — Fallou-me na aparelha-
gem technica... na ferramenta dos cri-
ticos...

REPORTER — Leituras... uma pe-
quena bibliotheca... supplementos da
«Illustration»... e sobretudo um bom
dicionario portuguez...

Mme. CELINA — (rindo) Nada d'isso...
Uma penna afiada... o mysterioso
attributo da critica...

REPORTER — Não conhecia...

Mme. CELINA — Eu tambem não co-
nhecia... Quiz ver... Curiosidade... De-
via ser alguma penna de ouro... Tal-
vez uma pinça-caneta...

REPORTER — E elle... mostrou?...

Mme. CELINA — Acho que se zangou...
Ficou sério... muito sério... depois...
suppondo fosse brincadeira minha...
fez uma careta... pondo a lingua de
fóra...

Jan Richora

OS PERIGOS DA DANÇA



Affirmam os moralistas do nosso tempo que a revolução operada nos nossos costumes proveio, toda, do cinema. Outros, mais intellectuaes, acham que foi o romance francez o veneno que nos intoxicou, e que deve ser pelo livro, pelo jornal, pela revista, que deve começar a campanha regeneradora.

Effectivamente, tanto o cinema como o livro têm contribuido para a modificação dos nossos habitos, e para que aumente, dia a dia, o numero de casaes infelizes. Fazendo a apologia do divorcio e dando, pela imagem, o exemplo de paixões desordenadas, o «ecran» e o romance muito fizeram para arrancar a uma parte da sociedade brasileira a sua feição patriarchal. Mais que o cinema e a obra literaria, agiram, porém, as danças modernas, cujos caracteristicos representam, na sua brutalidade irritante, uma imperdoavel offensa á moral.



lia o que é isso no destino de uma senhora, simples menina ou mulher casada? Si não, lembre-se do caso de mme. Paulo Martel, tão conhecida, no Rio, pela franqueza das suas palavras.

Dançarina emérita, frequentadora do Fluminense, do Jockey, do Palace, do Flamengo e, mesmo, do Assyrio, nas festas de fim de anno, a formosa mundana commentava, outro dia, em Petropolis, os seus ultimos triumphos choreographicos, quando se falou em um dos nossos melhores dançadores, rapaz alto, magro, muito

estimado pelas apaixonadas do «fox-trot», do «tango», do «shimmy», e molestias semelhantes.

— E' um excellente par, — concordou a moça; — mas eu não dançarei mais com elle.

Alguns admiradores olharam-na, na expectativa de uma explicação. E esta veio:

— Imaginem vocês que, outro dia, eu dancei com elle, e apanhei uma sarna horriavel!

— Na mão? — indagou um curioso. E ella, com a maior simplicidade:

— Não, senhor; na perna... E afastou-se, aos pulinhos.



Haverá, realmente, cousa mais despudorada do que essa atracação em que se comprazem rapazolas e damas, testa na testa, peito no peito, cintura na cintura, joelho no joelho, no meio dos salões? Já imaginou um chefe de fami-

Hydrophobia

Todos os dias, de manhã, ella dizia ao marido, novô rico, modelo 1915:

— João, vae tomar banho, filho! Isso assim, não pode continuar!

E o João não ia. Um destes dias ella ouviu, no bonde, uma conversa entre o professor Silva Ramos e um discipulo. E o professor explicava:

— Hydrophobia é uma palavra de origem grega, e quer dizer «horror á agua». E' uma molestia grave; gravissima. Comprehende?

A jovem senhora empallideceu.

Não seria aquella a molestia do João?



Punição

Commentava-se, em uma roda de senhoras intelligentes, o caso da senhorita que appareceu, em uma festa, com uma dentada no rosto.

— Como então esses rapazes! — observava uma das senhoras, — antigamente, elles só «mordiam» o pae; agora, «mordem» até as namoradas.

E indignada:

— Eu, se fôsse mãe desse bilontra, dava-lhe uma surra!

— Pois eu, — aparteu outra, — castigaria a menina mordida.

E rindo:

— Mettia-a no Bom — «Pasteur»!

CONSULTORIO DE M.^{ME} BENEDICTA

LUIZA (Barbacena) — O melhor depilatorio conhecido é a navalha. Se lhe parecer penoso, empregue a agua quente. A senhora, que é da terra da linguica, não conhece, então, o processo de pellar porco?

Mme. A. V. J. J. — E' assim mesmo. Quem ama castiga. Em carta particular, envio-lhe um

quadro organizado pelo dr. Belmiro Valverde, mostrando os logares em que a mulher pôde, sem perigo, beliscar o marido.

DR. B. N. M. R. — Pergunta-me o senhor se deve emprestar dezoito contos ao seu futuro genro, cujo caracter me descreve. A falar com franqueza, eu não lhe aconselho a tanto. A um homem de tal especie, outro, como o senhor, pôde dar, apenas, a filha. Vinte contos, é muita cousa.

PADUA VIANNA — E', realmente, curioso, que o senhor soffra do figado, e os medicos attribuem isso á idade, que, entretanto, não lhe mexeu nem com o coração, nem com os rins, nem com a cabeça. O seu caso é o mesmo do pae Matheus.

— Como passa você, pae Matheus?

— Assim, assim, meu filho. Apenas esta perna esquerda, que me dóe muito.

— Talvez seja da idade, pae Matheus. A gente paga, sempre, o seu tributo aos annos.

— Não acredito, não, meu filho. Não pode ser da idade, não.

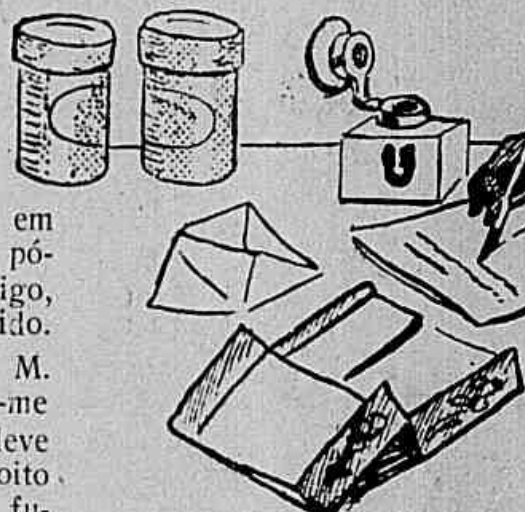
— ?

— Como é que não tenho nada na perna direita, que é da mesma idade da outra?

VICTOR — E' realmente extraordinario que a sua senhora saia de tarde sem ser constipada e volte, á noite, com o lenço como se tivesse tido defluxo. Para o caso, só ha duas explicações: ou ella chorou na rua, ou, então, andou enxugando o nariz alheio.

Mlle. CHERUBINA — O seu caso e, de facto, interessante. Conta a senhora que, aconselhada a tomar leite fervido, se esquece, ás vezes, e toma-o mesmo cru. E quando se lembra, é tarde.

Levada a sua consulta ao jovem medico dr. Veiga Lima, elle nos offereceu, com a maior



gentileza, o remedio. Diz elle que, quando a senhora tiver ingerido o leite cru, e quizer corrigir o mal, mande encher a banheira de agua bem quente, e metta-se dentro. Por esse modo, ficará o leite fervido em «banho-maria».

ANTONIA S. — O escriptor Viriato Corrêa é solteiro, mesmo, como lhe disseram. Os cabellos brancos que tem, não são da velhice. Pelo contrario. Creio que a sua dedicação será bem recebida, principalmente agora, quando elle anda necessitado de uma enfermeira de peso.

Quanto ao peso delle, creio que é 38 kilos.

PINTO MADEIRA — O proverbio a que se refere é, creio, infallivel. Todos os homens felizes no jogo, são infelizes nos amores. O senhor não reparou, então, que a maior parte dos sujeitos que entram em casa de madrugada e encontram outro no seu logar, voltam dos clubs e casas de jogatina?

As damas, em geral, são assim. Até as de baralho são ciumentas.

MADAME B. — Faça um sacrificio. Se o seu casamento está para breve, quando termina o seu impedimento de viuva, espere até lá. Deixe-o rondar a casa. Apon-te-o, mesmo, ao guarda-civil. Uma leviandade commettida agora seria a tortura da sua velhice.

FLACCO — O processo da mosca sem azas é genial. E' de lamentar, apenas, que não seja novo. Adão, antes de lhe tirarem Eva da costella, já o havia experimentado. Se o senhor conseguir, agora, introduzir algumas modificações, pôde pedir privilegio ao ministerio da Agricultura. Não vá, porém, acabar com as moscas; comprehende?

DR. JOÃO LUIZ (Minas) — Experimente com agua e limão. Fica menos forte e é mais agradável ao paladar.



Mme. Benedicta



O Pó do Dr. Roquette

— Foi um horror, meu amigo, foi um horror! — começou o sr. dr. Roquette Pinto, mergulhando as mãos finas e nervosas pela famosa cabelleira annellada.

E sentando-se á nossa mesa, contou-nos a historia macabra.

— Na minha viagem a Matto-Grosso, — eu fui despertado, uma noite, pelo barulho que faziam, no seu rancho, os indios da comitiva. Tomando do meu riffle, dirigi-me para lá, e presenciei esta scena innominavel: quatro delles subjugavam uma onça agonizante, a qual arreganhava os dentes ensanguentados, dos quaes pendiam, ainda, algumas fibras de carne humana. Syndicando do que tinha havido, soube, então, que a fera se havia aproximado do acampamento, e, alirando-se sobre um dos selvagens, lhe havia tirado a vida, só sendo presentida pelos companheiros da victima quando esta estava, já, quasi devorada.

O dr. Roquete sorveu um góle de chá, e continuou:

— A mim, homem civilizado, impressionou particularmente a indiferença dos indios ante a desgraça que acabava de lhes arrebatrar o companheiro. Tudo, porém, se ia explicar dentro de alguns momentos. Calmos, os selvagens esperavam alguma cousa. E essa alguma cousa appareceu, dentro em pouco, na figura de um pagé de pelle de pergaminho, o qual, soltando grandes urros, se poz a dançar sinistramente em torno á fera agonizante. De repente, parou; e, mastigando umas palavras intelligiveis e roucas, mandou escancarar a bocca da onça, para onde atirou, de olhos esgazeados, um pó cinzento e fetido, que tirára, com os dedos, de um cornimboque feito de um pequeno côco do matto. E foi ahi que se deu o prodigio.

— Houve milagre? — indagou, curioso, o dr. Nogueira da Silva, o illustre homœopata.

— Milagre? — estranhou o narrador, pondo se de pé. — Mais do que isso!

E reatou:

— Ao contacto do pó, a onça estremeceu, esarcando a

bocca. E qual não foi o meu espanto, ao ver sahir por ella, sadio, são, perfeito, e até com a tanga, o indio que o animal havia comido!...

Nós nos entreolhamos, significativamente, mas o dr. Roquette não se incommodou. Comeu uma torrada, e tornou:

— Impressionado com o caso, pedi a um dos indigenas mais graduados que me arranjas-se com o pagé, em troca de misangas e outras ninharias, um pouco do pó miraculoso, e guardei-o, zeloso, para estudo. No dia, porém, que cheguei ao Rio, a creada, ao desarrumar a minha mala, deixou sobre uma janella a caixinha em que eu deixara o remedio do bugre. E foi um desastre. Imaginando que se tratasse de pó para matar formigas, outra creada chegou, e polvilhou com elle o chão, os moveis, e alguns objectos da casa. E eu nem lhes digo!

Arregalou os olhos, aterrorizado, e contou:

— Foi um horror! Minhas botinas, attingidas pelo pó maravilhoso, viraram, de repente, dois bezeros inquietos, e puzeram-se a berrear desoladamente pela casa. A escova de cabelo, a principio immovel, deu um pulo, e começou a inchar, a inchar, a inchar, e, em breve, era um javali. Um «renard»

de senhora, que estava sobre uma cadeira, poz-se a bufar, e fugiu, quintal em fora, tornado em raposa. Subito, ouço bater no guarda-casacas, pelo lado de dentro. E dei um pulo: era o meu chapéu de pello que fugia, transformado em castor! E foi um não acabar mais de metamorphoses. A chapeleira, em que havia chapéus de senhoras, fervilhava de beija-flores, de garças, de aves do Paraizo. Um pavor, afinal!

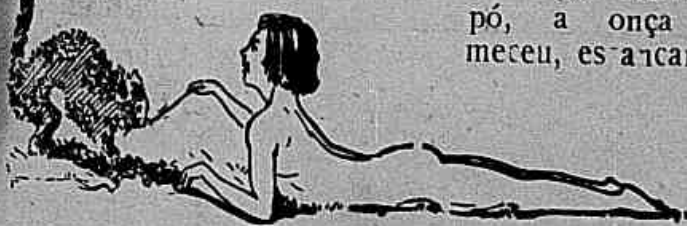
— E você ainda tem esse remedio?

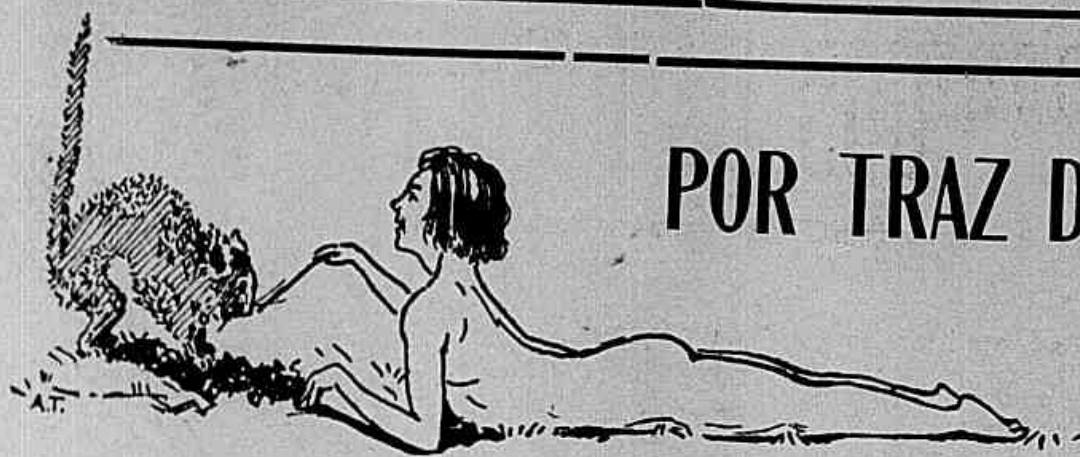
— indagou, sereno, o dr. Ignacio Amaral.

Imperitubavel, o jovem sabio brasileiro arrancou do bolso uma caixinha redonda, abriu-a, tirou de dentro uma pitada de pó escuro, e indagou:

— De que são os seus sapatos?

— De couro de buffalo, — ex-





POR TRAZ DO PANNÓ...

Theatro retrospectivo

O auctor dramático mais fecundo de todo o Brasil, tem uma predilecção.

Ninguém, porém, sabia qual a predilecção do laureado escriptor. Os mais perspicazes chegaram a descobrir um romance de amor atrapalhando a vida de quem nunca teve um caso de paixão.

Outro dia o caso veio á baila no camarim da Denegri, n'um ensaio da revista do Oduvaldo, e a actriz Otilia Amorim desfez o mysterio:

— O Tojeiro é o verdadeiro homem de theatro, principalmente do theatro «retrospectivo»...

Pombinhos

O director de scena ha muito que desconfiára do tenor.

Não é que o tenor tivesse muita voz, mas «cantava» alguma coisa, tinha lábios e labias e a joven actrizinha gostava de ouvir os gorgeios do rapaz.

Os murmurios sobre os cantos do tenor já passavam da caixa para o jardim e o director de scena andava pelos cabellos.

Emfim, um dia o director de scena achou de acabar, de vez, com o grande escandalo. E achou de um modo intelligente e original.

Subindo á scena uma revista onde havia uma apothéose ás «Pombas» de Raymundo Cor-

rêa, o ensaiador distribuiu os dois papeis — o Pombo e a Pombinha — aos dois apaixonados, marcou o duetto com beijos e abraços e... mandou fazer a roupa de pennas mas... com azas de madeira.

E quando viu os dois, na noite da estrêa, cantando,

de braços esticados, sem aquelles abraços que tanto escandalisavam a pudica familia do Recreio, o director de scena exclamou, triumphante, atirando sobre um canapé uma calça de «casemira»:

— Agora é que eu quero ver se tu cantas alguma coisa !...

Marcial...

Muito criancinha ainda, é o enlevo da caixa do Centenario.

Não ha corista ou artista que não goste de pegal-o ao collo, beijal-o mesmo...

O pequeno, representante do vovô, por sua vez, gosta do «meio» e por isso não sae tambem de lá e faz as suas pilherias significativas.

Ainda outro dia a graciosa artista ex-«estrella» do Leoní pediu-lhe que a fosse ver sempre durante os ensaios.

— Pois, sim, minha querida. Bem sabes que prefiro ver-te quando «ensaías»...

Serranas

A assiduidade do alto funcionario Municipal naquelle camarote da bocca de scena do Recreio, fez desconfiar muita gente.

A companhia é uma familia unida e honesta.

Mas a insistencia do velho galã despertou fortes suspeitas até que o Conceição Machado tentou descobrir o mysterioso caso.

Foi quando o Cerca, com a sua auctoridade de secretario, confidenciou:

— Pódes desconfiar, mas não é isso... Garanto-te que «elle» não sobe a «serra»...

Rideau



"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

Sociedade de Seguros sobre a vida

Sede social: Avenida Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro

Relação das apólices sorteáveis em dinheiro, em vida do segurado

62.º sorteio — 16 de Janeiro de 1922

114.375—Joaquim Sans Alberto	Livramento R. G. do Sul	90.117—Artidoro Flexa	Idem, idem, idem
84.375—Bento Giordano Oliveira	Itajahy — Santa Catharina	112.186—Epaminondas da Costa Mattos	Tombos—Idem
66.372—Oscar Baptista Leite .	Fortaleza Ceará	119.003 João Dionysio	S. Paulo—S. Paulo
(1) 94.558—Manoel Pacheco Ramalho	Maceió—Alagôas	117.764—Jairo Bueno de Camargo	S. Paulo—S. Paulo
84.232—Alexandre Konri Fara	Xapury—Alto-Acre	111.444—Zagatti Nicola	Idem — Idem
98.146—José Boavista e esposa	Caxias — Maranhão	111.787—Alberto de Arruda Camargo	Ribeirão Preto, Idem
81.775—Alberto Teixeira Ribeiro	S. Salvador-Bahia	118.752—Mario Pontual de Petrolina	S. Paulo—S. Paulo
44.757—Bernardino de Oliveira Pinto	Canavieiras—Bahia	117.507—Francisco Fortes	Idem — Idem
109.680—Osorio Bersot	Conceição Macabú E. do Rio	116.123—João Toschi	Idem — Idem
115.509—Julião Jorge Nogueira	Campos E. do Rio	109.015—Francisca Pereira dos Santos	Capital Federal
118.476—João Durado da Costa Azevedo	Ipojuca—Pernambuco	(2) 117.253—Antonio Bertulli	, ,
117.550—Manuel Joaquim de Farias	F. dos Leões—Idem	(3) 114.358—Isidro Marba	, ,
108.870—José Cavalcanti dos S. Araujo	Recife—Idem	(40) 113.494—Quintino de Souza ...	, ,
115.992—Custodio Pinto Coelho	Bello Horizonte, Minas	95.323—Jonathas Archangelo de S. Serrano	, ,
		112.301—Americo Warnick. ...	, ,
		88.054—Dr. Corolino de Miranda Corrêa	, ,
		104.645—Astolpho Vieirade Rezende	, ,
		112.425—Er. Raul Machado Bitencourt	, ,

(10) O Sr. Manoel Pacheco Ramalho teve a sua apólice n. 106.312 sorteada em 15 de Abril de 1920.

(20) O Sr. Antonio Bertulli teve esta mesma apólice sorteada em 15 de Outubro do anno proximo passado.

(30) O Sr. Isidro Marba teve a sua apólice n. 90.247 sorteada em 15 de Abril de 1913.

(40) O Sr. Quintinho de Souza tambem teve esta mesma apólice sorteada em 15 de Janeiro e 15 de Julho do anno finco.

NOTA — «A EQUITATIVA» tem sorteado até esta data 1.659 apólices no valor de 7.163.590\$000, importancia paga EM DINHEIRO aos respectivos segurados, continuando as mesmas apólices em vigor, com direito aos sorteios ultteriores, de conformidade com as clausulas de contracto de seguro.



EXPEDIENTE

A MAÇA

Semanario illustrado

Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Redacção: Rua Sachet, 28.

Estados:

Anno 25\$500

Semestre 13\$000

Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500

» atrasado \$600

Agentes para os Estados:

Livraria Leite Ribeiro

Rua Bethencourt da Silva, 15. 17 e 19

TYPOGRAPHIA

LITHOGRAPHIA

Execução perfeita e
— rapida —**HOEPFNER & Co., Ltd.**

□ □ □ SECÇÃO GRAPHICA □ □ □

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telep. Central 378
RIO DE JANEIRO

RELEVGRAPHIA

ENCADERNAÇÃO

plicou o antigo director da Escola Normal.

— Pois, bem; vamos vêr.

E derramou sobre a botina a pitadinha do pó maravi hoso.

Momentos depois, quando já se conversava de outra cousa, o dr. Amaral empallideceu. Olhamos para debaixo da mesa, e vimos, sob os seus pés, um animal de pequeno talhe, que começava a mexer-se.

— E' o buffalo! — gemeu elle Curvamo-nos para ver.

Era um bode.

Dr. J. Grenier



Innocencia

Elle é chronista intelligente, segundo um annuncio do Mario Domingues, e tem, lá em Madureira, o seu «caso» em theatro.

Acontece, porem, que ella, «a diva», não lê o «Rebate», não sabe, portanto, o pseudonymo do seu Romeu e por isso, outro dia, querendo, solicita, attender-lhe um pedido, respondeu-lhe, tranquillamente:

— «Péde, anjo»...

Rideau

PARA O BANHO

O SABÃO

THYMO BORICO

Contra: BROTOEZAS □ ASSADURAS □ PRURIDOS

LIVROS NOVOS

Sobre sciencias, artes, pedagogia, litteratura, arte militar,
etc., nacionaes e estrangeiros,
de todos os autores e em todos idiomas.

Enormes e selectas collecções de livros para escolas,
de todos os gráus, premios, presentes, etc.

Vasta e escolhida bibliotheca de livros para creanças
e para moças solteiras.

Recebimento diário de novidades de toda a parte, em
trabalhos de todas as especialidades, sobretudo
Medicina, Engenharia, Direito, Electricidade, etc.

Secções completas de figurinos, magazines
jornaes, revistas,
cartões postaes, objectos de escriptorio, etc.

GRANDE LIVRARIA EDITORA "LEITE RIBEIRO"

Uma das mais importantes do mundo, em numero de edições e em stock.

Editora das afamadas chronicas humoristicas do Conselheiro X. V.

RUAS BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19

— E —

13 DE MAIO, 74 e 76

Teleph. Central 250

End. teleg. ETIEL

Pedidos directamente á Caixa Postal 899

— — — RIO DE JANEIRO — — —